

Para apontar alguns problemas trazidos pelo AO90 ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa, começarei por contar brevemente cinco episódios verídicos:

- numa turma do segundo ciclo, a professora explicou aos alunos que continuariam a acentuar a primeira pessoa do plural do pretérito perfeito de formas como “gostámos” (Base IX, 4º), apesar de o uso do acento ser facultativo, à luz do AO90. Um aluno perguntou-lhe se poderia considerar erro caso ele não usasse o acento.
- diante da supressão do acento gráfico em “pára” e possível confusão com “para”, alunos de 5º ano manifestaram uma enorme perplexidade; imagine-se quando souberem que é obrigatório manter o acento em “pôr” para que não se confunda com “por”.
- um aluno de 11º ano, numa aula minha, *fechou* o timbre do *a* inicial de “atores”.
- muitos alunos do Ensino Secundário, apesar de lhes ter sido explicado o AO90, começaram, por exemplo, a escrever “fato” em lugar de “facto”.
- na minha experiência de três anos lectivos como professor de Português Língua Não Materna, com uma aluna chinesa, recorri, várias vezes, aos pontos de contacto com o inglês. Com o AO90, muitos desses pontos de contacto desaparecem.

Estas curtas narrativas constituem pequenos exemplos dos variados efeitos que o AO90 está a ter nas escolas, mas é caso para dizer que a procissão ainda vai no adro. Acrescentarei a estes dados, três breves reflexões sobre outros problemas que o AO90 trará ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa.

- defende-se a simplificação ortográfica, explicando-se que a queda das chamadas consoantes mudas facilitará a aprendizagem. Como poderão, então, as pobres criancinhas perceber, por exemplo, que uma letra pode representar vários sons? Basta pensar no exemplo do *x*.
- para ilustração de que o AO90 servirá para criar o caos ortográfico, basta lembrar que um professor terá de dizer aos alunos que, em determinados contextos, poderão escrever de acordo com o modo como pronunciam as palavras. Em termos ortográficos, este simples dado corresponde à abertura da caixa de Pandora.
- as inconsistências do AO90 serão, ainda, fonte de confusão, tornando-o um instrumento deficiente, também em termos didácticos. Na realidade, que sentido faz, por exemplo, preconizar a manutenção do *h* inicial por “força da etimologia” e desprezar a importância da mesma etimologia, no caso da supressão das chamadas consoantes mudas?

Num país em que a literacia está longe do ideal e em que a Educação tem sido pasto de uma atitude de experimentalismo compulsivo, o AO90, defeituoso na sua concepção e pernicioso na sua aplicação, é mais um enorme problema a juntar a todos os outros que são despejados, frequentemente, sobre as escolas. Nas decisões sobre matérias como esta, tem havido uma leviandade assustadora, ignorando-se pareceres de especialistas e opiniões de quem está no terreno.

Se é preferível pensar antes de escolher um caminho, é fundamental voltarmos atrás, quando descobrimos que estávamos errados. Foi o que aconteceu, há vários anos, quando a gramática generativa inundou as aulas e os manuais. Quando, finalmente, o bom senso imperou, só havia um caminho: voltar atrás. Do mesmo modo, para bem da qualidade do ensino e da aprendizagem da língua portuguesa, é urgente que Portugal se desvincule do AO90 ou que, no mínimo, suspenda a sua aplicação arbitrária”.

